

SÉRIE | HU  
**JOANA  
TRAUB  
CSEKÖ**



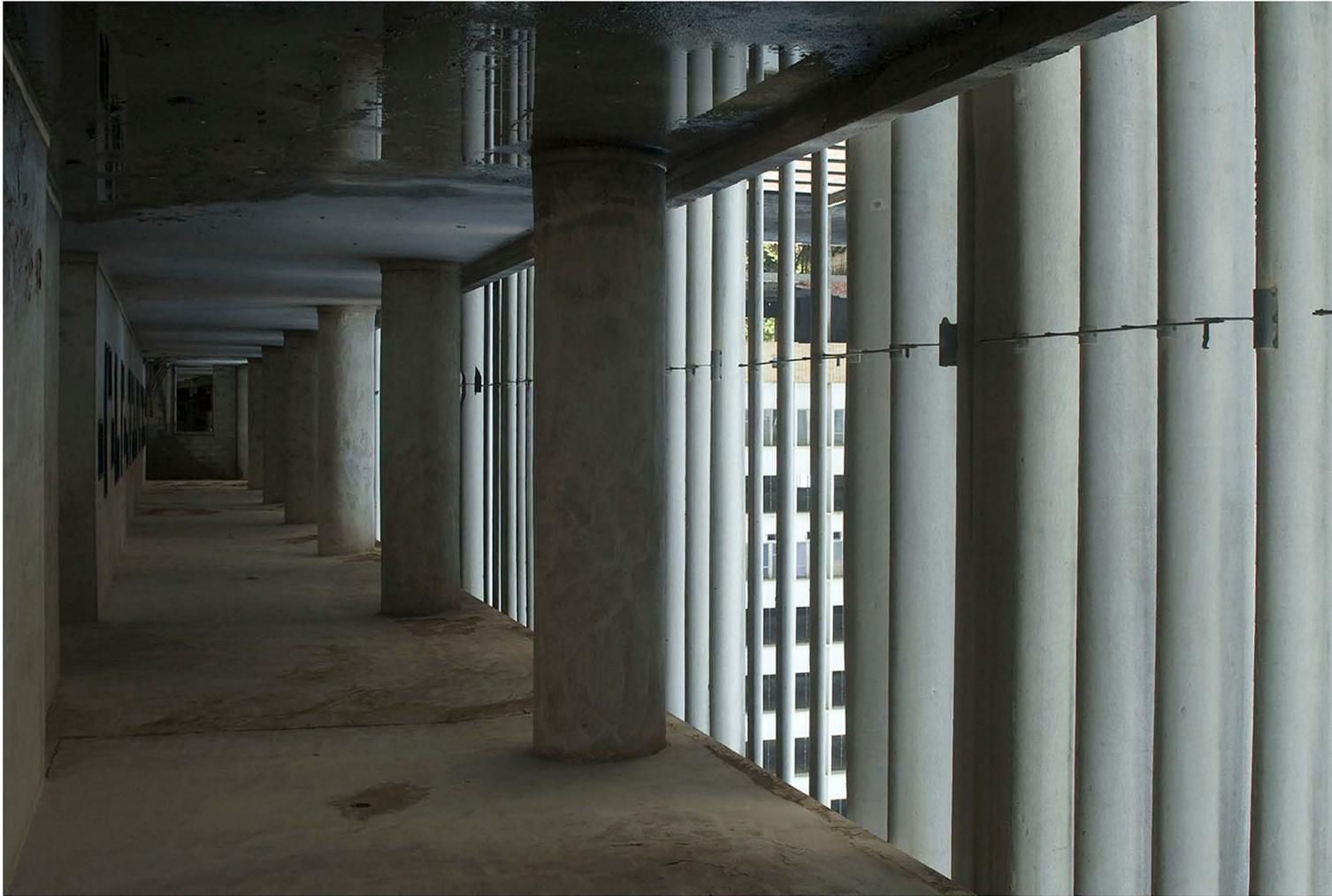
série HU  
“simetria assimétrica” | “*asymmetric symmetry*”



**série HU**  
"suspensão" | "suspension"



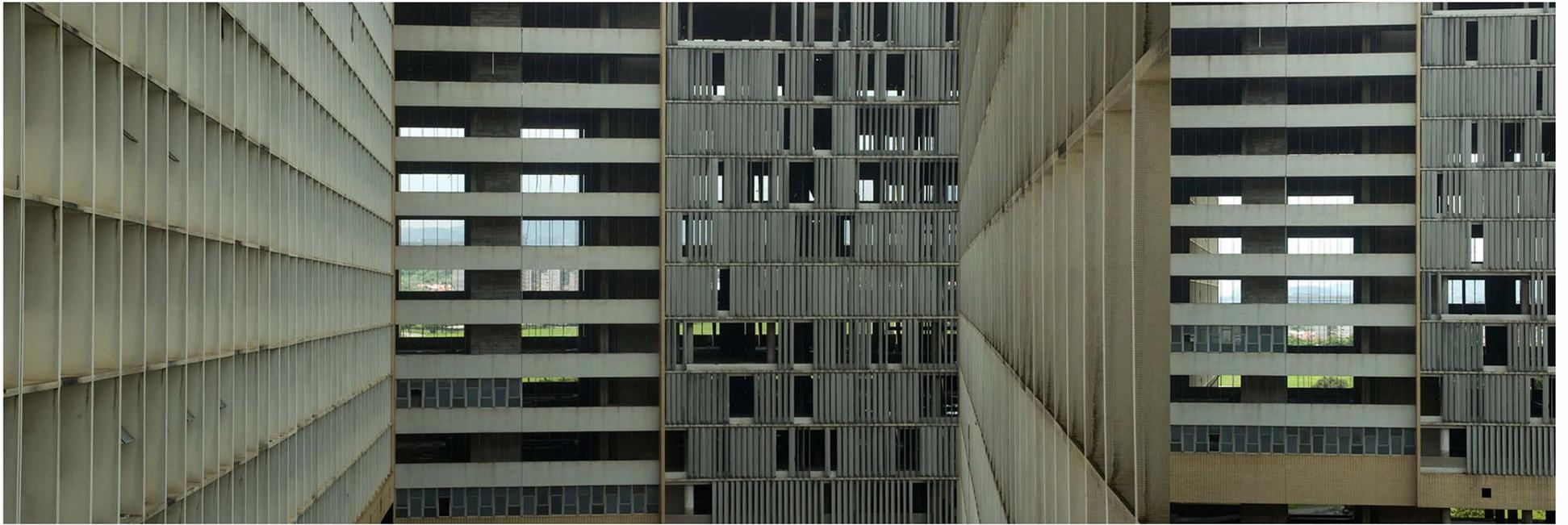
série HU  
"espelho" | "mirror"



série HU  
"ponto de fuga" | "vanishing point"



série HU  
"brise-soleil"



série HU  
“através” | “through”



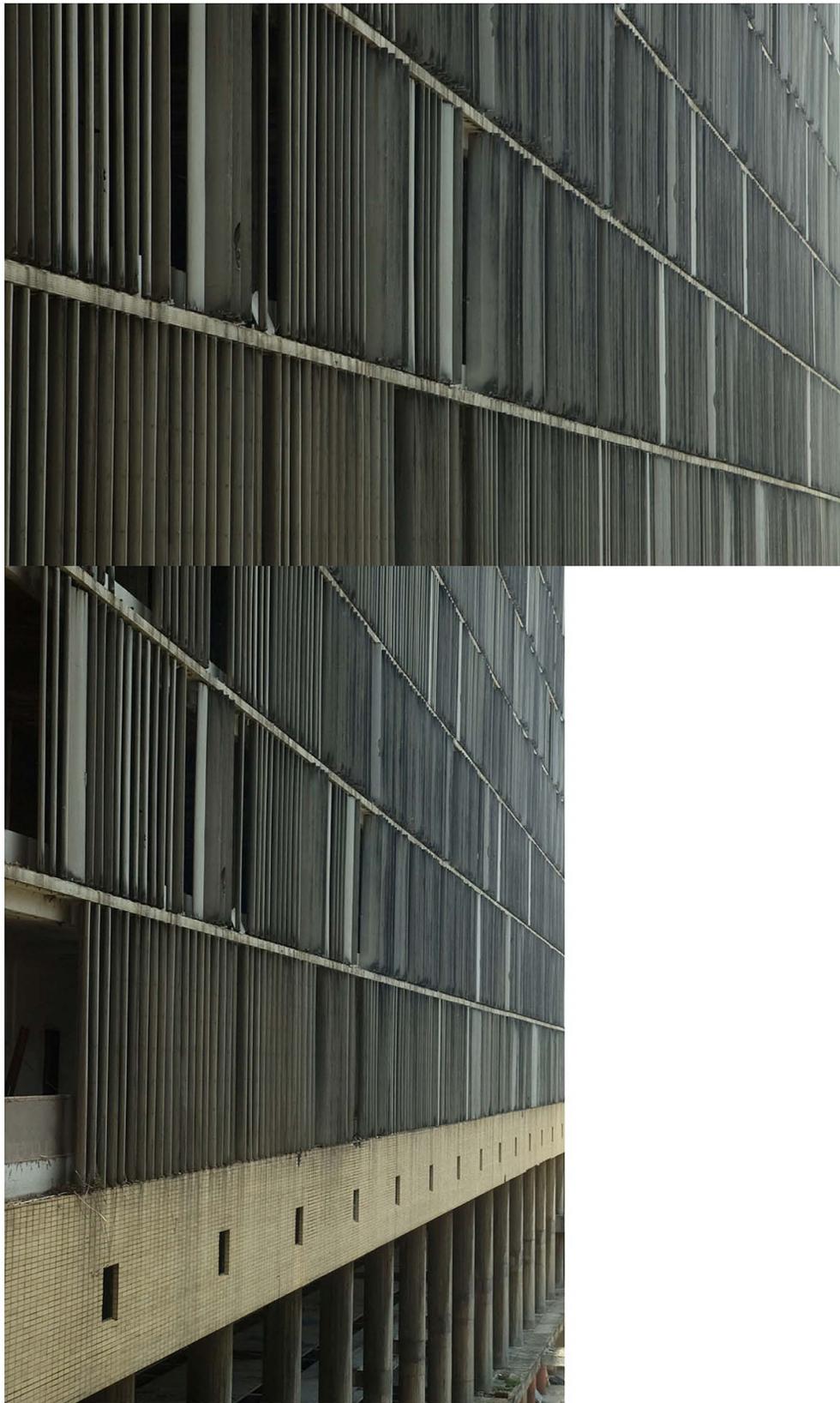
série HU  
"s/ título" | "untitled"



série HU  
“s/ título” | “untitled”



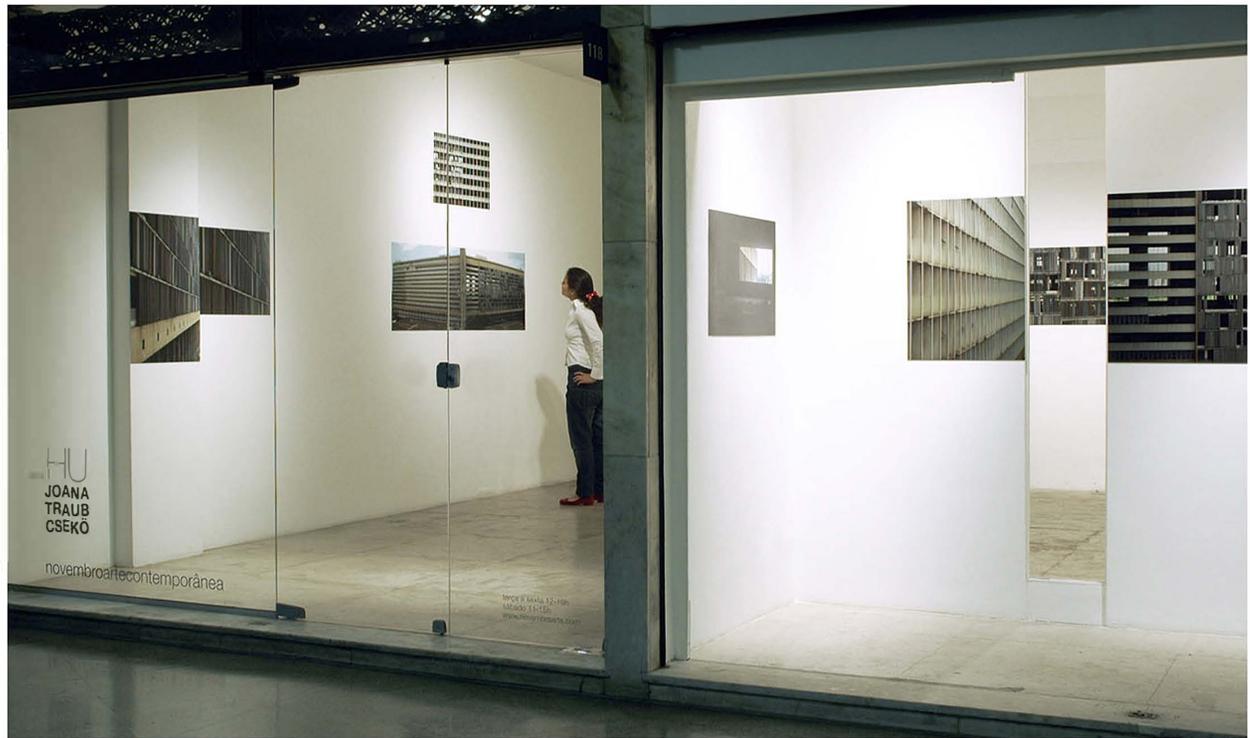
série HU  
“dobra” | “fold”



série HU  
"brise-soleil 1"



série HU  
"suspensão vertical" | "vertical suspension"



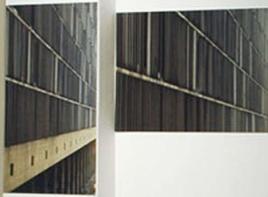












# série HU

2.

série HU, 2008

“simetria assimétrica” | “*asymmetric symmetry*” 60 x 180 cm  
fotografia cor | *color photography*

3.

série HU, 2008

“suspensão” | “*suspension*” 60 x 180 cm  
fotografia cor | *color photography*

4.

série HU, 2008

“espelho” | “*mirror*” 60 x 180 cm  
fotografia cor | *color photography*

5.

série HU, 2008

“ponto de fuga” | “*vanishing point*” 60 x 90 cm  
fotografia cor e espelho | *color photography and mirror*

6.

série HU, 2008

“brise-soleil” 60 x 360 cm  
fotografia cor | *color photography*

7.

série HU, 2008

“através” | “*through*” 70 x 230 cm  
fotografia cor, corte e manipulação digital | *color photography, digital manipulation and cut*

8.

série HU, 2008

“s/ título” | “*untitled*” 50 x 75 cm  
fotografia cor | *color photography*

9.

série HU, 2008

“s/ título” | “*untitled*” 60 x 180 cm  
fotografia cor | *color photography*

10.

série HU, 2008

“dobra” | “*fold*” 60 x 270 cm  
fotografia cor e manipulação digital | *color photography and digital manipulation*

11.

série HU, 2008

“brise-soleil 1” 120 x 75 cm  
fotografia cor | *color photography*

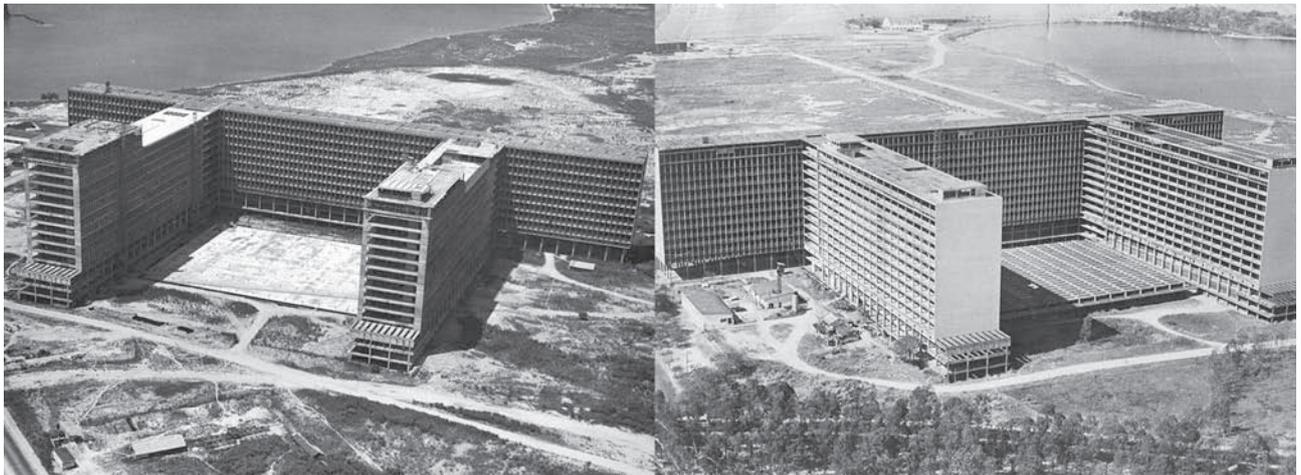
12.

série HU, 2008

“suspensão vertical” | “*vertical suspension*” 150 x 50 cm  
fotografia cor | *color photography*

13 - 19

vistas da “série HU” exposta na Galeria Novembro. Rio de Janeiro, 2008.  
*views of the “HU series” exhibited at Galeria Novembro, Rio de Janeiro, 2008.*



## RUÍNAS DO FUTURO

BEATRIZ JAGUARIBE

Reconhecida pela sua topografia exuberante e vibrante cultura popular, a cidade do Rio de Janeiro tem sido exaustivamente clicada em cartões postais que enfocam panoramas, corpos esculpidos, o êxtase do carnaval e os rituais sacros. As favelas, por sua vez, também ganham nova visibilidade e despontam em guias turísticos que vendem visitas guiadas por meio dos favela tours. Já as edificações formais arquitetônicas da cidade carecem de maior destaque. Entretanto, qualquer transeunte que entre e saia do Rio de Janeiro não consegue deixar de ver a silhueta monumental e devastada do Hospital Universitário (HU) da UFRJ. Erguido às margens do mangue poluído e cercado pela imensa expansão da favela da Maré, o HU emerge como ícone desconcertante.

Construído nos anos 1950 pelo arquiteto Jorge Moreira, o hospital segue as linhas mestres do vocabulário modernista corbusiano expresso nos pilotis, brise-soleil, linhas geométricas e escala monumental. Desde sua fundação, o edifício tornou-se, simultaneamente, como bem expressa Joana Traub Csekö, uma construção e uma ruína. O gigantesco prédio tem uma metade funcional que abriga o hospital universitário e uma outra metade que sempre foi vazia.

Como vários edifícios emblemáticos do modernismo arquitetônico, o HU foi erguido sob o signo do futuro. Um futuro-inaugurado-no-presente como testemunho do ímpeto moderno e da utopia funcionalista. Um edifício construído como máquina arquitetônica do novo que, entretanto, já nasceu exibindo os sinais de sua obsolescência e morte. Na sua dicotomia arquitetônica, o HU simboliza a distopia/utopia do projeto do futuro moderno. Ele é também um arquivo em concreto armado das contradições da história.

Vida e morte, construção e ruína, hospital e cemitério, moderno e decadente, o edifício do HU é uma metáfora material do descompasso entre o sonho arquitetônico e a realidade cotidiana. Sua monumentalidade decadente provoca a sensação do sublime catastrófico. Envolto numa aura desolada, o imenso edifício tem algo de irreal. Ele emerge como uma montagem surreal de uma narrativa contraditória.

As imagens fotográficas de Joana Traub Csekö revelam de forma instigante e arrebatadora, os enigmas deste paradoxo modernista. Suas fotografias tornam visível um edifício que assombrava a paisagem, mas que era visto e esquecido. Sob as lentes de Joana, o HU possui uma assinatura, é uma ruína do futuro que já chegou.

## **RUINS OF THE FUTURE**

BEATRIZ JAGUARIBE

*Anyone leaving or entering the city of Rio de Janeiro cannot help to notice the monumental and devastated silhouette of the University Hospital (HU)<sup>1</sup> of the Federal University of Rio de Janeiro. Built at the edge of the polluted marshes of Guanabara Bay and surrounded by the ever-growing expansion of the Maré Slums (Favela da Maré), the HU emerges as a bewildering icon.*

*Erected in the 1950s by Brazilian architect Jorge Moreira, the hospital building follows the guidelines of the modern-corbusian vocabulary, expressed by its pilotis, brise-soleils, geometric compositions and monumental scale. Since its foundation the building has become simultaneously a construction and a ruin, as Joana Traub Csekö well expresses. Built in the form of a great Pi letter, the construction has a functional wing that shelters the university hospital, and another wing, that was never occupied, a vast emptiness.*

*As well as many other emblematic buildings of the modernist architecture, the HU was erected under the sign of the future. A future-inaugurated-in-the-present, as a testimony of the modern impetus and of the functionalist utopia. A building constructed as an architectonic machine of the new that, nevertheless, was born exhibiting the harbingers of its own obsolescence and death. In its functionality and decadence, the HU is an archive in reinforced concrete of history's contradictions.*

*Life and death, construction and ruin, hospital and cemetery, modern and decadent, the HU building is a material metaphor of the clash between architectonic dream and daily reality. Its decadent monumentality provokes the sensation of the catastrophic sublime. Enveloped in a desolated aura, the immense construction has something unreal to it. It emerges like a surreal montage of an unfinished dream.*

*Joana Traub Csekö's photographic images reveal, in an instigating and perplexing way, the enigmas of this Modernist paradox. Her photographs render visible an edifice that haunted the landscape, but was seen and forgotten. Under Joana's lenses, the HU bears a signature, it is a ruin of a future that already arrived.*

---

<sup>1</sup> In Portuguese the building is called "Hospital Universitário", also known by its initials "HU", which titled Joana's series of photographs.